

# A EXPERIÊNCIA DA SUBMISSÃO FEMININA EM CINQUENTA TONS DE CINZA<sup>1</sup>

Ana Terra dos S. Araújo<sup>2</sup>  
Elizabeth Gonzaga de Lima<sup>3</sup>

**Resumo:** A proposta do trabalho é analisar a experiência de submissão da personagem Anastasia do livro *Cinquenta tons de cinza* (2012) da autora E. L. James. Em uma sociedade marcada pela constante luta das mulheres em prol da igualdade de direitos, como explicar o fenômeno de audiência de uma trama que explora o comportamento submisso da protagonista? É notória ainda, na contemporaneidade, uma pressão social para que as mulheres mantenham um relacionamento amoroso, ainda que seja em uma relação marcada pelo sadomasoquismo e submissão, pois tudo é possível, desde que o amor vença as barreiras. Assim, pensar esse lugar de submissão destinado à Anastasia é antes de tudo enfrentar uma construção social cristalizada, que reafirma a necessidade das mulheres abdicarem do que for preciso em prol de um suposto amor e do bem-estar da relação.

**Palavras-chave:** Literatura erótica; Submissão feminina; Cinquenta tons de cinza.

## ***THE EXPERIENCE OF FEMALE SUBMISSION IN FIFTY SHADES OF GRAY***

**Abstract:** The purpose of the paper is to analyze the submissive experience of the character Anastasia in the book *Fifty Shades of Grey* (2012) by author E. L. James. In a society marked by the constant struggle of women for equal rights, how to explain the audience phenomenon of a plot that explores the submissive behavior of the protagonist? It is still notorious, in contemporary times, a social pressure for women to maintain a love relationship, even if it is in a relationship marked by sadomasochism and submission, because everything is possible, as long as love overcomes barriers. Thus, to think about this place of submission assigned to Anastasia is first of all to face a crystallized social construction, which reaffirms the need for women to give up whatever it takes for the sake of a supposed love and the well-being of the relationship.

**Keywords:** Erotic literature; Female submission; Fifty shades of grey.

1 Esse artigo é uma versão ampliada e com modificações do texto, “Vale tudo por amor? A submissão feminina no livro *Cinquenta tons de cinza*”, publicado nos Anais do evento I SELIF, 2020.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), bolsista CAPES. Contato: anatterraaraujo@gmail.com

3 Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens e do curso de Letras. Contato: betylyma@gmail.com

## Introdução

Antes de se tornar um fenômeno mundial, *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James (2012), transitou pelas plataformas *online* até alcançar lugar de destaque nas livrarias, em virtude desse romance ter sido concebido como uma *fanfiction* da série composta por seis livros *Crepúsculo* da autora Stephenie Meyer. A obra de James exemplifica a ação de ler criativamente, pois o gênero *fanfiction*, conforme Jenkins (2012, p. 13), “se refere a histórias originais e romances ambientados nos universos fictícios de séries de TV, filmes, quadrinhos, games e outras propriedades midiáticas favoritas”.

A autora de *Cinquenta tons*, E. L. James assumiu esse lugar da escrita de fã e passou a produzir histórias em uma plataforma online, a *fanfiction.net*. A partir da história de amor vivida entre os personagens principais da saga *Crepúsculo*, a autora criou uma trama que abordava um romance dos personagens já na vida adulta, ambos humanos e com passagens detalhadas de sexo e de sadomasoquismo.

Dois anos após a publicação, *Cinquenta tons de cinza* já era considerado um fenômeno ao alcançar a marca de mais de 100 milhões de cópias vendidas em todo mundo. O argumento da história de E. L. James gira em torno de um CEO bilionário, misterioso e intimidante – Christian Grey – e de uma estudante universitária, tímida, inocente e ingênua – Anastasia Steele. O relacionamento vivido entre esses personagens tem o início marcado pela possibilidade de Anastasia assinar um contrato, tornando-se submissa a Christian, pois o executivo só se predispõe a manter relações que envolvam a prática do BDSM (bondage, dominação/disciplina, sadismo e masoquismo), sem pretensão de envolver-se sentimentalmente.

O divisor de águas da história reside no momento em que o casal está na casa de Grey,

que revela a Steele o quarto dos jogos - espaço utilizado pelo protagonista para exercer seu jogo de poder com as submissas. Insegura por não saber se pode ser tudo aquilo que ele deseja, a personagem anuncia que é virgem acreditando que esse é o único empecilho para que ela decida concordar com as regras estabelecidas no contrato, todavia Christian propõe:

- Vamos resolver esse problema agora mesmo.
- Como assim? Que problema?
- O seu, Ana. Vou fazer amor com você agora.
- Ah. O chão desaba sob meus pés. *Eu sou um problema*. Prendo minha respiração (E.L.JAMES, 2012, p. 102).

Em *História da sexualidade: as confissões da carne*, Foucault (2020) chama atenção para o fato de que no século IV a virgindade era tratada com muita importância e cautela. O cristianismo deposita na virgindade um teor de preciosidade, assim, há a necessidade de domesticar os corpos, especialmente o feminino, para assegurar a castidade até o casamento. Em virtude disso, o estudioso propõe que a Igreja estabelece que o ato sexual faz referência a experiência do sujeito uma vez que desperta os desejos carnis por meio da tentação, ou seja, uma vez tomada a consciência do desejo da carne, o sujeito deveria confessar os seus desejos mais impuros no intuito de aprofundar o conhecimento sobre si despreendendo-se dos prazeres carnis.

Ao trazer à tona a temática da virgindade, E. L. James desenvolve uma história de erotismo, repleta de cenas de sexo bem detalhadas. No entanto, o que poderia ser uma abordagem voltada para o despertar da vida sexual feminina, rompendo, inclusive, com esse modelo cristão de domesticação dos corpos voltado para o controle do ato sexual, termina reforçando padrões conservadores. Circunstância que pode ser ilustrada, a princípio, com a virgindade

sendo associada a um problema a ser resolvido e, posteriormente, quando rompida, esse corpo virgem é visto pelo homem, no caso, Cristian Grey, como um prêmio conquistado, ofertando a chance de possuir e controlar Anastasia.

Na contemporaneidade, o enfrentamento às práticas que colocam a mulher em um lugar de submissão configura-se como uma das pautas cada vez mais recorrentes entre o público que luta em prol da igualdade de direitos. Logo, levando em consideração esse cenário, a que se deve o sucesso de uma história que estrutura seu cerne na submissão feminina? A partir desse questionamento, o trabalho analisará a experiência de submissão da personagem Anastasia Steele e como ela foi aceita pelo público de maneira naturalizada, em um momento em que cresce a luta feminina em prol da desconstrução do espaço que por anos foi destinado às mulheres - um lugar de abdicação de si para satisfazer o outro.

## **A subjugação feminina: um fenômeno construído socialmente**

Vivemos em uma sociedade constituída pela padronização dos papéis sociais e desigualdade de gênero. Há muito tempo foi imposto que os homens devem ocupar o papel de provedores do lar, aqueles que trabalham fora e cuidam de todo o sustento da casa; enquanto às mulheres são destinadas tarefas domésticas, como, cozinhar, passar, lavar, cuidar dos filhos e satisfazer seus cônjuges.

A partir do momento em que esse cenário é naturalizado, as mulheres que buscam romper com esse lugar de submissão desejando novos rumos para sua existência acabam sendo vistas como subversivas à ordem. Atualmente esse movimento de enfrentamento assumiu novas proporções, à medida em que ainda lidamos com as sequelas decorrentes dessa construção social cristalizada e seus efeitos na vida das mulheres.

A sociedade espera que as mulheres ocupem o lugar de cuidadora do lar que por séculos foi imposto como a única possibilidade possível. Pensando no quanto essas imposições se impregnam na nossa vivência, Woolf (2017) elaborou a ideia de *anjo do lar* que encarna um dos medos iniciais que deve ser combatido ao enveredar no caminho da escrita:

Anjo do lar. Vou tentar resumir. Ela era exatamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitiço era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura (WOOLF, 2017, p. 11-12).

Ainda que Woolf tenha trazido essa ideia de combater esse fantasma como resistência inicial para as mulheres que almejam ser escritoras, ousou destacar a importância desse enfrentamento para as mulheres que desejam ocupar qualquer espaço. O fato é que se apresenta para a mulher, unicamente, a possibilidade da escrita, porque no recorte temporal vivido por Woolf – século XIX – esse era o ofício mais bem visto socialmente para as mulheres, desde que não assumissem um posicionamento, não enfrentassem o sistema vigente e não atrapalhassem a rotina dos afazeres domésticos.

Essa participação controlada na escrita é um dos inúmeros reflexos de como há uma domesticação da experiência feminina para conviver em sociedade, a qual determina o que pode ser dito, o que deve ser feito, até onde se pode ir e quais abordagens pessoais devem ser adotadas. De acordo com Woolf (2017), o *anjo do lar* aparece como uma voz do subconsciente movida por todos os discursos reproduzidos socialmente, assim quando uma mulher se dedicava a escrever era esperado que se iniciasse um conflito desestabilizador:

Na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela [voz do anjo do lar] logo apareceu atrás de mim e sussurrou: ‘querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura’. E ela fez que ia guiar minha caneta (WOOLF, 2017, p. 12).

Sob tal perspectiva era esperado que as produções escritas por mulheres refletissem esse modelo de mulher ideal construído socialmente. Por isso, não havia uma adesão das obras que apresentavam um posicionamento contrário a essas imposições, pois os discursos que traziam uma franqueza e uma busca pela liberdade nas relações e no comportamento feminino eram silenciados.

Em virtude desse contexto, a produção de literatura erótica escrita por mulheres enfrentou uma trajetória árdua até alcançar um lugar de legitimação e de visibilidade. Até porque, o que se esperava do discurso feminino era pureza e omissão acerca de determinados assuntos, logo a ideia de ter mulheres escrevendo sobre sexo soava como violação da moral e dos bons costumes. Uma vez que as confissões da carne deveriam ser restritas aos padres, confessar publicamente por meio da literatura é uma subversão sem precedentes. Desse modo, a participação feminina no que tange à sexualidade, por muito tempo foi considerada tabu, pois as mulheres não poderiam assumir um espaço de liberdade sexual sem ter permissão para sequer falar sobre isso. O sexo era para satisfazer o homem e a mulher deveria ser responsável por isso, se submetendo aos caprichos e desejos do outro.

Por muito tempo foi negado às mulheres a oportunidade de falar abertamente sobre a sua sexualidade, tudo isso porque foi construído, por meio da Igreja Católica, que o sexo deveria ser vigiado, examinado e controlado. Logo, quando ocorriam discussões acerca da sexualidade era com

o intuito de proibí-la por meio da dominação dos corpos.

Foucault (2020) assinala que a concepção acerca da carne está relacionada à fusão da vontade pura (os aspectos sobre a necessidade de comunhão e harmonia com Deus) com a involuntariedade do sujeito (ou seja, todo e qualquer desejo capaz de fazer esse indivíduo se afastar da presença de Deus). Nesse sentido, o cristianismo se manteve empenhado em associar o sexo à busca da verdade e, assim, com base no seu poder e influência, produziu discursos responsáveis por criar padrões e modelos que controlassem os sujeitos, destinando à sexualidade um lugar subalterno e pecaminoso.

A presença de mulheres combatendo esse sistema vigente e se propondo a escrever literatura erótica obteve uma mudança significativa com as obras de Anaís Nin, escritos que continham detalhadas descrições eróticas voltadas para o enaltecimento da beleza feminina a partir da associação a elementos da natureza. Tais produções contribuíram para revolucionar o contexto no qual estavam inseridas, partindo do pressuposto de que era necessário ter mulheres falando sobre sexo e assumindo o controle do seu corpo e do seu prazer, desconstruindo assim o ideal de mulher pura, digna do casamento pelo fato de ser virgem. A necessidade de ocupar novos espaços e de representar outras possibilidades de se pensar a sexualidade feminina por meio da literatura surge do descontentamento causado pela submissão e inferiorização do corpo feminino que insiste em assombrar:

O discurso erótico assumido por escritoras mulheres, a necessidade de falar abertamente sobre os seus sentimentos e a sua sexualidade fez com que a mulher exercitasse a sua capacidade de auto afirmar a sua identidade. A mulher então passa a questionar verdadeiramente a cultura dominada por homens e a obrigação de estar fadada a uma sociedade que privilegiava apenas a sua capacidade reprodutiva, social (ser mãe) e sexual (falar e escrever sobre sexo degradava a sua imagem imaculada da mulher) (MAIA, 2019, p. 181).

Esse caminho de luta e de conquista de outros espaços realizados por essas mulheres, aqui citadas, e tantas outras, é o que possibilita a autora E. L. James ter conseguido produzir e publicar uma obra que dialoga sobre a relação entre dois personagens com doses elevadíssimas de sexo e sadomasoquismo. Ainda que recorrente essas discussões acerca do direito das mulheres e da necessidade de autonomia de si para não abdicar dos seus desejos e conquistas, a autora de *Cinquenta tons* reproduziu esse ideal de mulher ingênua, virgem e submissa.

E. L. James centraliza na sua produção alguns elementos denunciados pelas mulheres que enfrentam as imposições sociais, ao partir de um pressuposto no qual o homem detém maior poder aquisitivo, colocando a mulher na posição de inferioridade ou dependência econômica. Ademais, Anastasia Steele se vê como uma mulher “muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é imensa” (JAMES, 2012, p. 51), o que contribui para que ela seja descrita como uma mulher tímida, inocente e insegura, permitindo, conseqüentemente, ser controlada e subjugada no seu relacionamento.

Ressuscitando, ainda que implicitamente, o fantasma denominado por Woolf (2017) como *anjo do lar*. James traz em *Cinquenta tons de cinza* aquela vontade oriunda de uma imposição social de que a mulher precisa estar em um relacionamento para que a sua existência seja vivida em plenitude, sem problematizar, em muitos momentos, a abdicção dos planejamentos pessoais para o bem-estar da relação.

Nesse sentido, a autora coloca Anastasia como uma mulher que está iniciando a sua vida profissional, porém não consegue sentir uma plenitude, na medida em que lhe falta um relacionamento amoroso. E, posteriormente, quando essa falta é preenchida, novas problemáticas são trazidas para o enredo, como, por exemplo, a

necessidade que Christian tem de dominar a vida de Anastasia, a ponto de no momento em que ela afirma não desejar abrir mão de seu emprego em uma editora, ele sugere comprar essa empresa para ter acesso e controlar os horários da jovem:

- Se eu sair e arrumar outro emprego, você vai comprar a outra empresa também?

- Você não está pensando em sair, está? - Sua expressão se altera, tornando-se cautelosa mais uma vez..

- Talvez. Receio que você não tenha me deixado muita escolha.

- Sim, vou comprar a outra empresa, também.  
- Ele é inflexível.

Fecho a cara. Não tenho como competir com ele.

- Você não acha que está sendo um pouco superprotetor demais?

- Sim. Tenho plena consciência da impressão que isso passa (JAMES, 2012, p. 73).

Considerando essas informações, é fundamental destacar o quanto nossa sociedade e, obviamente, os aspectos que a representam estão impregnados com os discursos de dominação masculina frente ao feminino. Tais impregnações se apresentam nas nossas relações cotidianas das mais diversas formas, no caso de *Cinquenta tons de cinza* fica evidente que James reproduz, de maneira consciente ou não, os papéis de gênero previamente estabelecidos: o homem viril, provedor, prático e com sucesso econômico, ao passo que a mulher assume um lugar de timidez, inocência, desconhecimento da vida sexual, insegurança e submissão frente a influência do masculino.

## Cinquenta tons de controle? A experiência submissa de Anastasia Steele

Diferente de Christian Grey que foi descrito, nas páginas iniciais de *Cinquenta tons de cinza*, com base em suas competências profissionais, ascensão financeira e beleza física, Anastasia Steele foi caracterizada como “muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é longa” (James, 2012, p. 51). Tais adjetivações demarcam o lugar de cada personagem na obra, pois, enquanto Grey assume o lugar de controle, de empoderamento, a insegurança de Anastasia só lhe permite ser dominada, ocupando assim o espaço da subjugação.

Nos poucos momentos da trama em que há uma caracterização da personagem feminina, destaca-se o quanto Anastasia não se considera uma mulher bonita e digna de ser amada, chegando a se questionar o que Christian viu nela a ponto de escolhê-la para ser sua submissa. Outro ponto importante nessa particularidade da escrita de E.L. James consiste na ideia de que na medida em que Ana é pouco descrita fisicamente, o público leitor consegue se identificar mais e colocar-se no lugar da personagem:

*Cinquenta tons de cinza* descreve muito mais o homem do que a mulher. Ana se descreve no início e depois a leitora acessa suas mudanças apenas por meio de suas atitudes e falas do Grey, enquanto ele é muito adjetivado nos três livros da série. Essa informação é interessante porque se relaciona diretamente com o fato de o público ser feminino: elas precisam se identificar com a personagem, então esta é pouco descrita para que a mulher que está lendo viva a fantasia que a história traz com um homem tão descrito que quase se torna real (FRANCKLIN, 2015, p. 55).

Essa estratégia da autora, além de aumentar a identificação das leitoras com a trama, direcionam essas mulheres a colocar Christian em um pedestal, ao passo que destinam a Anastasia o ônus de ser grata por ter conquistado um homem com tantas

qualidades no auge da sua normalidade e dos seus inúmeros defeitos.

Nessa produção, a experiência da submissão feminina apresenta-se, principalmente, durante a relação sexual. Até mesmo pelo fato de todo envolvimento ter começado por meio de um contrato de dominação/submissão, havendo por isto uma construção sexual dos personagens que reforçam essa relação de controle. Uma vez que Christian é desejado por sua virilidade e experiência, Anastasia consente ser controlada devido a sua inexperiência e hesitação.

Um dos elementos responsáveis por reforçar a experiência de subordinação da personagem baseia-se na não autonomia do seu corpo para extravasar o seu prazer. Em outros termos, durante a relação sexual, Anastasia só alcança o ápice refletido no gozo quando Christian concede a permissão. Mesmo que a autora aborde a sexualidade feminina, ela reforça o estereótipo de que a satisfação desse corpo deve, acima de tudo, ser responsável pelo prazer do homem, por isso, a personagem pode gozar desde que isso seja com o consentimento do seu parceiro:

- Mais rápido Christian, mais rápido... por favor.

Ele me olha vitorioso e me beija com força, e então começa a se mover de verdade - *puta merda, um ritmo implacável... ab... -*, e eu sei que não vai demorar muito. Ele estabelece uma cadência acelerada. Fico excitada, as pernas rígidas embaixo dele.

- Goze, baby - suspira - Goze para mim.

Suas palavras são uma perdição, e, magnificamente, as ideias entorpecidas, eu explodo em um milhão de pedaços ao redor dele, e ele me acompanha gritando meu nome.

-Ana! Ah, Ana!

Ele cai em cima de mim, a cabeça enterrada em meu pescoço (JAMES, 2012, p. 69).

A submissão da personagem reverbera nos demais setores da sua vida, fazendo com que ao decorrer da trama seja possível identificar um cenário em que o homem exerce total controle sobre as atitudes femininas, moldando o seu jeito de ser, de se expressar e de se comunicar. Tendo consciência do quanto essa dominação masculina pode ressoar negativamente, a autora estabelece uma possível justificativa para o comportamento do personagem, fazendo com que o título *Cinquenta tons de cinza* ganhe sentido na construção do perfil de um protagonista repleto de traumas e feridas abertas e latentes.

## Cinquenta tons de Édipo?

[...] o complexo de Édipo, diz Freud que o menino, entre três e cinco anos, na fase fálica de seu desenvolvimento libidinal, se apaixona sexualmente pela mãe e, em virtude desse sentimento devastador quer cometer parricídio para livrar-se do pai, rival que lhe barra - segundo a fantasia infantil - o caminho até a mulher desejada (PELLEGRINO, 1987, p. 309).

A autora E. L. James lança mão da teoria freudiana, acerca do complexo do Édipo, na trilogia *Cinquenta tons*, a fim estabelecer uma conexão com o trauma central do personagem Christian, como se esse evento fosse o suficiente para justificar todo o seu comportamento na vida adulta. De acordo com a história, fica evidente que aos quatro anos Grey passou por um evento traumático com a sua mãe, já que sua primeira infância foi marcada pelo convívio com uma prostituta, usuária de drogas e o homem que a agenciava e mantinha relações. Da maneira que a narrativa é construída, fica evidente que nunca houve uma sensibilidade dessa mãe, Christian não se recorda de nenhum momento de carinho e, aos poucos, ele vai demonstrando o quanto a não proteção de sua mãe cada vez que esse cafetão o agredia e o queimava com maços de cigarro causaram um sentimento de abandono e mágoa.

Ao partir dessa perspectiva e buscar um sintoma para o comportamento controlador que esse homem assume durante a sua vida adulta é lançada como possibilidade a ideia de que durante a sua fase fálica (que, segundo Freud, ocorre dos três aos cinco anos) por ter passado por um trauma, essa negação do simbólico retornou para vida de Christian, o que contribuiu para ele assumir um posicionamento perverso na sua vida adulta que se manifestava através da necessidade de manter relacionamentos ancorados pelas práticas sadomasoquistas.

Por mais que essa perspectiva psicanalítica seja plausível e suficiente para corroborar com a ideia de que o personagem criado por E.L.James sofre de traumas causados pela sua infância, não é coerente deslocar a dimensão social que essa história tende a reverberar na sociedade. O *corpus* social é marcado por desigualdades de todas as instâncias possíveis, dentre as tantas possibilidades, há a desigualdade de gênero que insiste em colocar as mulheres em posição de subjugação, tudo isso para continuar mantendo um cenário - já cristalizado - de dominação masculina. Segundo Bourdieu (2002), é perceptível que “na dominação masculina, e no modo como ela é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica”, ou seja, o exercício de superioridade masculina em detrimento do feminino se dá por meio dos aspectos simbólicos da comunicação e do conhecimento.

E.L.James reproduz esse modelo de dominação cada vez que ela coloca o personagem masculino para exercer poder frente ao feminino, colocando a mulher em um lugar de subjugação e passividade. Inicialmente, Christian propõe que esse poder seja exercido durante as relações sexuais por meio de um contrato sadomasoquista, no qual Ana deve submeter-se as práticas que ele julgar prazerosas. Todavia, durante o decorrer da

trama, esse casal passa a relacionar-se de maneira consensual e romântica, fazendo com que o documento contratual não seja mais algo a ser considerado.

No momento em que a relação assume os moldes do que se é esperado socialmente, o personagem protagonista ainda assume o lugar daquele que tem necessidade por controle, assim, ele passa a regular o comportamento do feminino nas sutilezas do dia a dia. A exemplo disso, temos os seguintes eventos: controle do que vestir, determinação de qual carro dirigir, delimitação de quais os dias ela poderia encontrar os amigos, dentre outros episódios que destacam o lugar de submissão imposto ao feminino. Ainda que a autora tenha tentado justificar o comportamento dominador e opressor de Christian, através de traumas passados durante a sua infância, é inevitável - e, totalmente necessário - problematizar essas questões de abuso e controle dentro das relações amorosas.

Na contemporaneidade, o contexto tem se mostrado propício à ruptura com o silenciamento e docilização do feminino, contudo, paradoxalmente, o livro *Cinquenta tons de cinza* que segue na direção contrária às conquistas e questionamentos das mulheres, revelou-se um fenômeno de audiência, tanto nas livrarias como na indústria cinematográfica.

## Cinquenta tons: o fenômeno

A abordagem erótica nos romances já possui um histórico de ocorrência nos livros de bolso que costumavam ser vendidos em supermercados e bancas de jornal. Ao comparar *Cinquenta tons* com os romances Harlequin é possível perceber uma familiaridade entre os personagens a partir de uma padronização dos perfis, até porque de acordo com Dau (2013) “a personagem é sempre casta e o homem sedutor e misterioso”.

Apesar de apresentar certa semelhança entre os personagens dos romances Harlequin com os de *Cinquenta tons* e das vendas consideráveis, esses romances de bolso não se tornaram um fenômeno como a produção de E.L. James. Tudo isso porque essa obra trouxe inovações que influenciaram no processo de identificação do público, especialmente o feminino:

*Cinquenta tons de cinza* introduziu a ideia do erótico discreto. Enquanto as capas dos romances Harlequin mostravam casais apaixonados, que revelava claramente o teor do livro, as capas da trilogia eram sóbrias, mostravam apenas elementos que tinham a ver com a história, mas que não denunciavam sexo (FRANCKLIN, 2015, p. 47).

Todavia, ainda que haja toda uma luta das mulheres frente à construção sexista enraizada na sociedade, visando enaltecer, também, a importância da liberdade sexual feminina, persiste uma imposição significativa acerca de como as mulheres consomem o erótico e se há um cuidado para que a exposição das preferências não choque a sociedade, afetando os valores sociais.

Partindo desse viés, o sucesso de *Cinquenta tons* é potencializado na medida em que o consumo de *e-books* cresce substancialmente, afinal a possibilidade de exposição do conteúdo lido fica restrita permitindo uma segurança das leitoras que, em muitos casos, ainda não se sentem confortáveis de expor o conteúdo erótico que está sendo consumido. Além disso, os livros digitais ressignificam o mundo da leitura:

Os *e-books* também contribuíram muito na questão logística e ajudaram a impulsionar a quantidade de exemplares vendidos. As leitoras de livros eróticos têm como característica serem muito vorazes, lerem diversos títulos do mesmo gênero mensalmente. Com isso, teriam que ter muito espaço para guardar tantos livros. O arquivo digital surge também como uma opção de armazenamento, já que os livros não físicos existem apenas no dispositivo (FRANCKLIN, 2015, p. 48).

A tecnologia contribuiu para o sucesso de *Cinquenta tons de cinza*, desde o momento que E.L.James se apropria dos recursos tecnológicos (*e-mails*, celulares, computadores, etc) como o maior responsável pela comunicação dos personagens, ocasionando a sensação de que os mesmos “dividem o mesmo espaço de que os lê, provocando uma identificação rápida e aumentando a verossimilhança da história”, como enfatiza Francklin (2015).

É imprescindível nesse processo de ser considerado um fenômeno, o fato do livro ter surgido através de uma *fanfic*. A consolidação que a autora conseguiu construir com o seu público leitor antes mesmo da sua obra ganhar uma versão física permitiu que a expectativa em torno do lançamento levasse ao êxito de vendas:

Por *Cinquenta tons* ter sido uma auto publicação em um site, os fãs chegaram a ele antes da editora. Como visto antes apenas os editores escolhiam o que estaria nas livrarias, mas hoje já é vista uma configuração diferente, em que os fãs também escolhem o que vai ser publicado (FRANCKLIN, 2015, p.48).

Outro ponto que coloca a história em um lugar de prestígio consiste em pensar no recorte temporal em que foi produzida, ou seja, o período de 1990, a segunda onda do feminismo, quando afloraram histórias com personagens femininas inclinadas a falar mais abertamente sobre a sexualidade, destacando desejos por muitos anos silenciados e oprimidos:

As obras, a partir dos anos 90, começaram a apresentar heroínas que se permitiam a explorar sua sexualidade, e recebiam a permissão do público, que as consumia nas histórias. A introdução gradual de erotismo relacionado à mulher permite a assimilação daquelas ideias, ao mesmo tempo em que não agride. *Cinquenta tons* surge desse amadurecimento do sexo ligado à mulher na literatura (FRANCKLIN, 2015, p. 49).

Dessa maneira, E.L.James oferece o que muitas mulheres desejam ler, ao abordar questões

que envolvem a sexualidade e a carreira profissional na contemporaneidade. Mesmo apresentando às mulheres um romance repleto de passagens eróticas e orgasmo feminino, o argumento denota subserviência às pressões sociais e de gênero referentes ao ser mulher em um contexto desigual e opressivo.

Mesmo que James resgate modelos sociais obsoletos, ela mostra-se perspicaz ao trazer para sua narrativa uma fórmula de bastante sucesso: o final feliz. Desse modo, todos os abusos, submissões e sofrimentos da protagonista são tolerados socialmente uma vez que ela é recompensada pelo matrimônio. De acordo com Foucault (2020), o casamento é utilizado como uma forma de remissão dos pecados, pois no âmbito desse sacramento cristão o casal deve permanecer em constante vigilância para que juntos alcancem a salvação.

Não resta dúvida de que James reforça esse ideal que circunda o matrimônio, uma vez que ela destina a Anastasia a função redentora e responsável pela salvação de Christian e de seus pecados. Apresentando, por fim, através do casamento entre os protagonistas a dependência de um em relação ao outro, a realização do desejo sexual não apenas para satisfazer os prazeres da carne, mas, sim, para alcançar uma outra dádiva cristã: a maternidade.

## Conclusão

A trajetória feminina é repleta de oscilações e violência, seja ela simbólica, sistêmica, sexual, psicológica, física ou outra. Dentre as inúmeras formas de violência, é possível destacar a experiência feminina em relação ao seu corpo afinal de contas, as mulheres precisam lidar com a necessidade do outro de dominar e controlar o seu corpo.

Em “As confissões da carne”, Foucault (2020) chama atenção para o fato de o cristianismo condenar práticas sexuais que não possuíam a finalidade de reprodução da espécie. Por conta

disso, estrategicamente, a Igreja produziu discursos voltados para o controle do corpo e da carne. Portanto, esse corpo é visto como “[...] impuro – algo exacerbado pela moral pagã, cuja forma final, acabada, de discurso em torno desse princípio encontra-se na filosofia pagã” (RODRIGUES, 2020, p. 2-3).

Assim, foi necessário impor limites ao corpo, tanto do homem quanto da mulher, para que os prazeres da carne seguissem sendo controlados. Tudo isso porque, como destaca Carvalho (2001) a sexualidade instituída e consagrada pela Igreja é a sexualidade conjugal, cujo exercício está circunscrito ao espaço do matrimônio.

Sem o domínio do próprio corpo, as mulheres sempre foram as mais afetadas nesse contexto, pois além de não ter a liberdade de viver a sua sexualidade em plenitude, elas precisavam atender as expectativas que lhes eram impostas, o casamento e a maternidade. Portanto, é negado às mulheres o espaço de falar sobre seu corpo e sua sexualidade, uma vez que esse exercício contrariava o principal intuito estabelecido pelas instituições religiosas.

Mesmo distanciada cronologicamente desse contexto, E. L. James reforça esses estereótipos na medida em que “suas representações reforçam um modelo de corpo masculino ativo (nunca passivo), no qual o homem se sobrepõe e sufoca a mulher” (MAIA, 2019, p. 186). Por consequência, o discurso da autora reflete a repressão sexual, através do controle dos corpos, cristalizados na nossa sociedade.

Trazendo à tona uma relação que explora a experiência da dominação por meio da prática sadomasoquista, E.L. James evidencia o relacionamento dos personagens através dos desejos – e, em muitos momentos, limites – da carne. Para isso, a autora centraliza no protagonista o exercício do domínio do seu corpo e a necessidade de dominar o corpo do outro, na mesma medida

em que entrega a personagem feminina o dilema de querer dominar o seu corpo estando imersa na experiência de estar submissa.

Ao apresentar o sexo em uma produção voltada para o público feminino, E.L. James traz algo novo ancorando-se em valores conservadores e obsoletos. *Cinquenta tons* aborda a sexualidade feminina partindo de um lugar de subjugação, destinando ao masculino o espaço de poder, reproduzindo e reiterando os padrões de uma sociedade atravessada pelo patriarcalismo. Assim, problematizar esta produção é antes de tudo fazer frente à construção social condensada, que reafirma a obrigação das mulheres abdicarem do que for visto como um empecilho para conservação do bem-estar da relação, em nome de um suposto amor.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARVALHO, Maristela Moreira de. Sexualidade, controle e constituição dos sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). Esboços: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v.9, n.9, 2001.

DAU, Erick Mendonça. Mídia pornográfica e submissão da mulher: a reprodução do machismo através do sexo midiaticado. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2011.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: as confissões da carne. 1ª ed. Trad. Heliana de Barros Rodrigues. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

FRANCKLIN, Paula Fernandes Drummond. O protagonismo da mulher na literatura erótica contemporânea. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

JAMES, E.L. Cinquenta tons de cinza. Trad.

Adalgisa Campos da Silva Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JENKINS, Henry. Lendo criticamente e lendo criativamente. *Matrizes*: ano 6, n° 1, São Paulo, julho/dezembro de 2012.

LÊDO, Amanda & NUNES, Daniele. Identidade e representação da mulher na obra *Cinquenta tons de cinza*. Recife: UFPE, s/a.

MAIA, Marília M. Monosco. Questões de masculinidade e a submissão da mulher em *Cinquenta tons de cinza*. *Revista Humanidades e Inovação*, v.6, n. 4, 2019.

PELLEGRINO, Hélio. Édipo e a paixão. IN: *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RODRIGUES, Faustino. Eternos vigilantes: sobre 'As confissões da carne', de Michel Foucault. *Revista Cult*, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/foucault-as-confissoes-da-carne-2/>

WOOLF, Virgínia. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

**Submissão: agosto de 2021**

**Aceite: novembro de 2021.**